

UMA CARTA PARA ANZALDÚA

Angela Figueiredo¹

Introdução

Quem nos deu permissão para praticar o ato de escrever? Por que escrever parece tão artificial para mim? Eu faço qualquer coisa para adiar este ato – esvazio o lixo, atendo o telefone. Uma voz é recorrente em mim: Quem sou eu, uma pobre chicanita do fim do mundo, para pensar que poderia escrever? Como foi que me atrevi a tornar-me escritora enquanto me agachava nas plantações de tomate, curvando-me sob o sol escaldante, entorpecida numa letargia animal pelo calor, mãos inchadas e calejadas, inadequadas para segurar a pena? Gloria Anzaldúa, 2000;169

Em 2015, escrevi uma carta em resposta à carta de Glória Anlzadua, “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”, publicado originalmente em 1981 e, no Brasil, em 2000. O meu texto permaneceu inédito do ponto de vista da publicação formal, tendo circulado entre meus colegas, estudantes e ex-estudantes. O fato é que quando recebi o convite de Julia Abdalla para publicá-lo, me senti motivada a escrever uma pequena introdução no intuito de situar aquele texto e o contexto de sua produção com relação ao contexto atual, dez anos depois.

Durante esse período, muitas coisas mudaram no Brasil e no mundo. O crescimento da extrema direita e, conseqüentemente, a perda de direitos sociais e políticos das maiorias que são minorizadas no contexto capitalista, o massacre dos palestinos e tantas outras questões referentes à geopolítica mundial em curso. Entretanto, priorizarei aqui as

¹ É professora Associada III no Centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB. Possui graduação em antropologia pela Universidade Federal da Bahia (1994), Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1998) , Doutorado em Sociologia pela Sociedade Brasileira de Instrução - SBI/IUPERJ (2003). Realizou o Pós?doc em 2006 na Universidade da Virginia (UVA) , no departamento de African America Studies, em 2016 na Universidade da California- Berkeley, no departamento Ethnic Studies e em 2022 também na UCBerkeley no departamento de African America Studies. É professora do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRB, atua em dois programas na UFBA, a Pós-Graduação em Estudos étnicos e Africanos (POSAFRO) e no programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares de gênero (PPGNEIM).

mudanças do ponto de vista da produção do conhecimento, tema que eu tenho refletido ao longo desses últimos anos (Angela **Figueiredo**, 2019).

É importante destacar que, em 2015, tratava-se de um contexto distinto de períodos mais recentes, tanto no que se refere a um maior número de pesquisas acadêmicas, TCC, teses, dissertações, artigos e livros fundamentados teórica e epistemologicamente no Feminismo Negro. Assim como literatura infantil e para adultos com protagonistas negras/os. Em 2016, foi traduzido o livro de Angela **Davis** no Brasil, *Mulheres, raça e classe*, e, provavelmente, o sucesso de vendas motivou a tradução de outros livros dela e de muitas outras autoras afro-estadunidenses – uma rápida incursão em qualquer livraria ilustra essa afirmação.

Do mesmo modo, é importante destacar tanto a popularização do conceito de interseccionalidade nos últimos anos no Brasil quanto a pluralidade de experiências feministas, que, a partir da assunção de uma lógica interseccional na construção da identidade das sujeitas, fez emergir os feminismos negros no plural: feminismos periféricos, feminismos digitais, feminismos interseccionais, feminismos da quebrada, feminismos lésbicos, feminismos abolicionistas, feminismos decoloniais, todos incorporando a perspectiva das mulheres negras, principalmente as jovens. A sexualidade, relativamente ausente das reflexões feministas negras no Brasil, está emergindo na formulação teórica e política de mulheres negras (Tanya **Saunders**, 2017; **Elaine Sousa**, Figueiredo, 2023).

Em 2015, ainda que estivesse ocorrendo o resgate da contribuição de algumas autoras negras – pois afinal, desde a implementação das cotas, temos presenciado mudanças significativas na universidade e na produção do conhecimento que estão sendo impactadas pelas perspectivas teóricas do Feminismo Negro e pela Teoria Decolonial –, faltava referenciais teóricos de autoras e autores racializados. A reivindicação para tornar a bibliografia dos cursos menos eurocentradas e descolonizar o conhecimento já era um projeto em curso. Eu refleti sobre essas mudanças em alguns textos (Weder **Bruno** & Figueiredo, 2023; Figueiredo, 2017 e Figueiredo & Patrícia **Gomes** 2016). De fato, nem mesmo os maiores opositores às cotas foram capazes de prever o giro epistemológico que as universidades brasileiras experimentariam nos últimos anos.

Há uma diferença geracional significativa entre os pesquisadores e pesquisadoras negras no Brasil, que se revela em vários níveis da análise, pois constatamos avanços ao olhar para o campo de luta antirracista que envolve a linguagem, a gramática racial e de

gênero na análise das desigualdades interseccionais e a denúncia ao eurocentrismo das referências bibliográficas feitas pelas gerações mais jovens; entretanto, essas mesmas gerações enfrentam novos desafios na produção do conhecimento, tanto no que diz respeito às mudanças tecnológicas e sociais, inclusive com a inteligência artificial, quanto pelas consequências do racismo, dentro e fora do espaço acadêmico. A minha geração sabia de antemão que a universidade não era um espaço de acolhimento, muito pelo contrário. Sobrevivemos com ou sem sequelas.

Para as gerações anteriores, também não é/era muito fácil falar de si mesma, pois fomos formadas/os não somente da perspectiva de uma ciência neutra, bem como aprendemos que dentro da academia não havia espaço para isso. Diferentemente da minha, a geração que iniciou a universidade pós-cotas, sobretudo gerações mais recentes, têm tido muito mais facilidade para falar de si e de seus familiares nos textos acadêmicos. Assim como as escolhas dos temas de pesquisa têm refletido suas próprias experiências, conhecer para intervir tem orientado muitas pesquisas que buscam transformar a realidade.

No texto “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”, Glória Anzaldúa² (1987) refletiu sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres “não brancas”³ para escrever. Não somente pelo boicote que fazemos contra nós mesmas, colocando sempre as tarefas associadas ao feminino como prioridades, mas, principalmente, pela internalização das representações negativas sobre as mulheres, que nos fazem acreditar que não temos nada de importante para dizer.

Essas reflexões críticas sobre o modo como o racismo, o sexismo e a LGBTfobia afetam, dificultam e, às vezes, impossibilitam a nossa escrita tem sido incorporada cada vez mais na escrita acadêmica. Pois sabemos que a língua é muito mais do que um meio de comunicação, ela revela uma forma de compreender, sentir e estar no mundo. Concordamos com Grada Kilomba, quando afirma que “a língua, por mais poética que possa ser, têm também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência...” (Kilomba, 2019, p.14). Consciente disso, estamos criando novos conceitos e vocabulários, que atuam junto com a demanda do movimento de mulheres negras para feminilizar a linguagem. A palavra *sujeita*, assim como *presidenta* eram

² Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em: 1 dez. 2023.

³ Termo utilizado nos Estados Unidos para se referir às mulheres racializadas. A carta, originalmente publicada em 1981, foi publicada no Brasil em 2000.

inexistentes no vocabulário oficial ou na norma culta da língua portuguesa. É dessa maneira que as *sujeitas* mulheres negras emergem no contexto atual, subvertendo regras. Nós fazemos agora uma *femenagem*, e não mais uma homenagem. Quando, do ponto de vista simbólico, buscamos orientação, não falamos mais do Norte, e sim do Sul. Subvertendo um ordenamento do mundo eurocentrado, em que o Norte é tomado como referência de ordem e equilíbrio.

A questão da escrita levantada por Anzaldua tem ocupado cada vez mais espaço, assim como as escolhas dos temas de pesquisa têm refletido as próprias experiências de suas autoras, por esse motivo, os conceitos de experiências e *escrevivências*⁴ são muito reivindicados.

Tenho concordado com os pesquisadores que afirmam o “ponto de vista” do texto é o aspecto preponderante na conformação da escrita afro-brasileira. Estou de pleno acordo, mas insisto na constatação óbvia de que o texto, com seu ponto de vista, não é fruto de uma geração espontânea. Ele tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher que com uma “*subjetividade*” própria vai construindo a sua escrita, “vai inventando, criando” o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um “*corpo-mulher-negra em vivência*” e que por esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo a experiência que um corpo não negro, não-mulher, jamais experimenta. (Conceição **Evaristo**, 2009; P. 18)

A experiência pessoal é uma experiência vivida, compartilhada através da língua, da cultura, dos valores e de práticas cotidianas que se incumbem de tornar naturais processos históricos muitas vezes marcados pelas desigualdades raciais, de gênero e de classe. Para os pesquisadores e pesquisadoras negras, a experiência é uma evidência muito importante, já que é a base de nossa reflexão e teorização. Partimos de nossa vida cotidiana, da inquietação do lugar reservado aos negros em nossa sociedade, daquilo que disseram que era correto, da subversão da ordem realizada pela cultura popular, que muitas vezes encontra um meio para expressar sua crítica ao sistema vigente, nas letras de música, nos sambas de roda e em tantas outras expressões que confrontam a regra social estabelecida. Isso quer dizer que a experiência é muito mais do que a expressão da vida individual; não quer dizer também que a experiência seja apenas o reflexo da estrutura, ela é internalizada por nós no processo de socialização e na construção de nossas subjetividades. Lélia **Gonzalez** (1983) destaca que a língua falada por nós é o

⁴ O conceito de *escrevivência*, a escrita de si, de Conceição **Evaristo** (2009), tem assumido um lugar importante na metodologia e na escrita da nova geração de pesquisadores e intelectuais negros.

pretoguês, um exemplo importante para pensar a dimensão dinâmica e contra-hegemônica da língua.

Por isso, propomos uma reflexão crítica: Como eu escrevo? Por que eu escrevo? Para quem eu escrevo? Essas questões estão fundamentadas pela epistemologia feminista negra e por outras perspectivas, no nosso caso, reivindicamos um modo de fazer ciência mais feminina e negra. Não estou pretendendo essencializar o gênero ou a raça; efetivamente, tanto a escolha dos temas como as abordagens que propomos refletem quem somos e o lugar que ocupamos na estrutura da sociedade racializada e generificada, possibilitando uma análise posicionada, e não por isso menos científica; é desse modo que a ciência se tornará mais plural, no sentido de ser constituída por diferentes perspectivas, não mais apoiada num universalismo abstrato.

Questionamos também as normas da ABNT, propondo colocar em negrito o sobrenome de autores/as negros/as na primeira vez em que são mencionados. Assumimos essa proposição crítica e estamos colocando em prática o nosso projeto. Enfim, para analisar essas mudanças escrevi o texto “Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial” (Figueiredo, 2019), depois elaborei o conceito de Epistemologia insubmissa, publicado em inglês (Figueiredo, 2025).

Nessa direção, gostaria de acrescentar que as universidades públicas periféricas criadas nesse contexto têm contribuído muito para ampliar a abordagem de temas que são centrais para a compreensão das dinâmicas sociais no Brasil, como por exemplo, a violência e o emprego doméstico em pequenas cidades do interior. O que significa ser trabalhadora doméstica onde não há sindicato e onde a maioria da população sequer ganha um salário mínimo? Do mesmo modo, o que significa pesquisar a violência policial ou a violência gerada pela comercialização de drogas num contexto em que todos se conhecem? Esses são novos desafios apresentados pelo contexto social das pequenas cidades, literalmente de quem está situado à margem da geopolítica do conhecimento.

Frente ao que foi dito, sabemos que é preciso elaborar novos conceitos, vocabulários, teorias, métodos e formas de linguagem que permitam retomar com muita força a certeza de que todo conhecimento é posicionado, nenhum sujeito é neutro na produção do conhecimento, inclusive todos aqueles que por questões estratégicas ou para afirmar o suposto mito da neutralidade ocultam sua posição. Ao fazer isso, transformam



muitas vezes experiências específicas e contextualizadas em períodos sociais e históricos determinados na regra a ser seguida por todos, universalizando experiências particulares. Desse modo, precisamos ir além da enunciação da posição da sujeita que fala, demonstrando como o lugar que ocupamos reflete a escolha teórica, metodológica, as categorias analíticas e o modo como observamos e analisamos as injustiças do mundo que tanto queremos transformar. Para concluir, reafirmo a posição de Anzaldúa e nos convoco a escrever com línguas de fogo.

Bibliografia

ALMEIDA, Weder. Bruno de, & FIGUEIREDO, ANGELA. Ações afirmativas e ciências sociais na UFRB: tensões e transformações na produção do conhecimento. *Revista Brasileira De Sociologia - RBS*, 10(26). <https://doi.org/10.20336/rbs.904> (2023).

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, v. 3, n. 25, p. 17-31, 2009.

FIGUEIREDO; Angela; GOMES, Patrícia Godinho. Para além dos feminismos: uma experiência comparada entre Guiné-Bissau e Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 909-927, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p909>. Acesso em: 2 abr. 2023.

FIGUEIREDO, Angela. Somente um ponto de vista. **Cadernos Pagu**, v. 51, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201700510017>. Acesso em: 23 fev. 2024.

FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, 2019.

FIGUEIREDO, Angela. Unsubmissive Epistemology. In: A Lexicon for Bridging Decolonial Queer Feminisms and Materialist Feminisms. Vol. 11 No. 1 | Winter/Spring 2025. Disponível em: <https://kohljournal.press/unsubmissive-epistemology>

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** – episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

SAUNDERS, Tanya L. Epistemologia negra sapatão como vetor de uma práxis humanitária. **Periódicus**, Salvador, n. 7, v. 1, p. 102-116, maio-out. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/22275/14304>.



Acesso em: 15 fev. 2025.

SOUSA, Elaine Borges; Figueiredo, Angela. “Branca é lésbica e preta é sapatona oh o erro? Um estudo sobre mulheres negras lésbicas e sapatonas em um bairro de Salvador/Ba. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 8, n. 4, p. 6-27, 2023.

Escrita para as Mulheres Negras ou, simplesmente, uma carta para Anzaldúa

“Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever.” (Anzaldúa, 232; 2000)

Não sei por que demorei tanto tempo para encontrar a carta de Gloria Anzaldúa, “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”, publicada originalmente em 1981 e no Brasil em 2000. Eu acho que ela estava guardada dentro de uma estante ou de um baú de coisas antigas que aparecem quando a gente menos imagina. Talvez tenha sido uma obra de São Longuinho, como a gente diz na Bahia quando é criança, quando perde algo, procura, mas não consegue encontrar. Então os adultos, para se livrarem de nosso choro ou de nossas aporrinhações, dizem para a gente fazer uma promessa a São Longuinho, dizendo que, quando achar o objeto perdido, dará três pulos e três gritos de agradecimento. Então, darei três pulos e três gritos agradecendo a São Longuinho por ter achado o que não perdi, mas que teria perdido se não me fosse dada a chance de ler este texto.

O meu São Longuinho não é exatamente um santo, tem um corpo negro e feminino e apareceu me dizendo que tinha lido um texto lindo. Então, ela me enviou o texto já pedindo, com um jeito manso, que eu respondesse à carta “Nega, por que você não escreve uma resposta à carta de Anzaldúa?” Ela disse que assim que leu, lembrou de mim, e disse que tinha a certeza que eu iria responder. Estimulada por seu doce pedido, acordei pela manhã cedinho e me dediquei a escrever estas primeiras palavras.

Para começar, eu pensei: será que Anzaldúa nunca recebeu uma resposta a esta carta? Gostei do mote, pois estava mesmo precisando romper o silêncio e explicitar um conjunto de experiências que tenho tido nos últimos anos. Primeiro, quero falar do meu medo da escrita. Foi este, durante muitos anos, o tema de minha análise... e o analista nunca entendia porque eu dizia que o racismo afetou a minha escrita, eu dizia que tinha medo de escrever, tinha insegurança e, de fato, quando eu pensava em escrever eu só imaginava um tema que fazia sentido para o outro, para os meus professores brancos, e não para mim. E nesta busca insana, o que na verdade é uma expressão da busca por reconhecimento, eu nunca decidi escrever sobre o que realmente me interessava. O que de fato eu quero dizer? E para quem eu quero endereçar a minha escrita?

Não sei exatamente por que tenho medo de escrever.... bell hooks já disse que, em uma sociedade racista e sexista, não há lugar para a mulher negra, a não ser o de

subserviência. Nas representações sobre nós, não há lugar para que uma mulher negra tenha algo interessante a dizer. Na faculdade, os professores diziam que eu não escrevia bem. Aliás, eles sempre dizem isso da gente, eles dizem que a nossa fala é muito melhor que a escrita e, sendo assim, eu preferia não os desapontar através de uma escrita menos interessante, e continuei falando. Depois, descobri que, se você continuar falando, alguém escreverá sobre você, e você terá que ler o que escreveram sobre você. Portanto, não há escolhas, perca o medo e comece a escrever!

E, na nossa busca por reconhecimento, nos tornamos cegas, bloqueamos a nossa criatividade, diminuindo o nosso interesse e aprisionando a nossa alma. Sem interesse, sem sonho e sem sentimento não há uma boa escrita... Demorei para entender que não era a minha escrita que estava errada, mas, ao contrário, que era preciso escrever. “Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda” (*ib*, p. 232). Aprendi que um sentimento forte me faz escrever e não importa se é um sentimento bom ou ruim, pois o desejo imbuído no sentimento me deixa objetiva, direta e eu gosto de escrever com sentimentos, mesmo que seja o de raiva.

E os nossos eternos boicotes... Ah, Anzaldúa! Como o seu texto revelou práticas inconscientes de sabotagem ou de boicote à nossa escrita e de diferentes níveis de compensação. Agendamos sempre a data de começar a nossa escrita.... e você tem razão quando diz que, na maioria das vezes, priorizando as típicas atividades femininas de cuidado com a casa e com os outros, e depois de um dia cheio, estamos exaustas para começar a escrever, e sempre nos prometemos que amanhã pela manhã vamos começar, que no dia seguinte será diferente... Além dos afazeres da casa, da atenção necessária aos filhos, parentes e amigos, a minha sabotagem é compensada através do consumo. Eu sempre acho algo importante que eu preciso sair para comprar, coisas de casa, alimentos, qualquer coisa se torna imprescindível e, assim, encontro um modo de adiar a escrita. Você diz: “escreva na cozinha, tranque-se no banheiro. Escreva no ônibus ou na fila da previdência social, no trabalho ou durante as refeições, entre o dormir e o acordar” (*ib*, p. 233). Não há tempo e nem lugar, temos que romper e começar. Em meu caso, como não há como escrever enquanto consumo, então é melhor escrever sobre o consumo.

Anzaldúa, gosto quando você diz que “não escrevemos porque temos medo de vender a nossa ideologia” (*ib*, p. 231). Dizer o que pensamos serve de influência para que outros vejam o mundo da mesma forma que nós.... Eu nem sei exatamente por que tenho medo de escrever, talvez, por que pareça que posso tornar eterno o que penso e, enquanto

mulher negra, eu não acredito que possa imortalizar o meu pensamento. E se o que eu penso for errado ou proibido? E se eu mudar de ideia? E se a minha escrita não agradar aos leitores? Mas, por que temos sempre que agradar? Temos que agradar porque a escrita não tem sido uma forma legítima de representação para nós, por isso nós nos sentimos inseguras neste universo.

Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla. Porém, neste ato reside nossa sobrevivência, porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida. (*ib*, p. 234).

Por que tememos o poder? O poder de dizer o que nos interessa e o que nos toca a alma. Por que insistimos em continuar escrevendo para quem jamais vai nos ler? Por que não escrevemos para nós mesmas? Escrever para compartilhar experiência, para somar as estratégias de resistência e dividir as dores, somente assim poderemos construir um mundo diferente.

Resistir é difícil, pois a vida acadêmica é hostil com cada uma de nós. Não adianta achar que tudo isso passará simplesmente quando você se tornar professora, pois não há nenhuma possibilidade de conforto para nós. Brigamos contra o mundo e, pior, brigamos contra nós mesmas, certamente o nosso algoz está fora, mas muitas vezes está dentro de nós também.

Esse é o modo como somos afetadas pelo racismo. Infelizmente, internalizamos as representações negativas sobre nós, e muitas vezes perdemos muito tempo querendo convencer os outros de que somos inteligentes. Fodam-se tod@s, pois nunca conseguiremos isso se não começarmos por nós mesmas. Uma espécie de “papo entre nós”. Precisamos mudar, porque precisamos escrever para nós, uma escrita orgânica como você sugeriu: “Joguem fora a abstração e o aprendizado acadêmico, as regras, o mapa e o compasso. Sintam seu caminho sem anteparos... Escrevam com suas línguas de fogo” (*ib*, p. 235).

Há três anos resido em Cachoeira e, desde que aqui cheguei, prometo escrever um livro sobre esta fascinante cidade. Atualmente, moro exatamente às margens do rio Paraguaçu, na cidade de São Felix. Adoro acordar com muita neblina, o que me impossibilita ver do outro lado, a cidade de Cachoeira, ou mesmo à margem do rio. Gosto de me sentir dentro da neblina como se estivesse dentro de um barco à deriva. Não sei onde estou e nem para onde vou. Talvez, essa sensação seja a melhor de todas, pois, assim



perco o medo da vida, sinto-me como se estivesse em um lugar em que ninguém pode me encontrar e, finalmente, posso escrever.

BIBLIOGRAFIA

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Estudos Feministas, 2000, pp. 229-236. Disponível em <https://www.google.com.br/#q=ANZALDÚA%2C+Gloria.+Falando+em+l%C3%ADnguas:+uma+carta+para+as+mulheres+escritoras+do+terceiro+mundo>, acesso 02-02-2016.